

# ANTÓNIO de OLIVEIRA SALAZAR

Nasceu a **28 de Abril de 1889** às 15:00 horas, no Bairro Novo da freguesia do Vimieiro, próximo da estação ferroviária, no concelho de Santa Comba Dão, na Beira Alta. Filho mais novo – de cinco irmãos – de um modesto casal de agricultores.

Morreu em **27 de Julho de 1970**, aos 81 anos de idade. Foi sepultado em campa rasa no cemitério da sua terra Natal junto de seus pais. Na laje de granito, o simples epitáfio: “ AOS 1970 “.

## Pai

António de Oliveira, nascido no Vimieiro, morreu de síncope cardíaca a **28 de Outubro de 1932**, pelas 22:00 horas com 93 anos de idade. Foi sepultado no dia seguinte pelas 18:30 horas: “*Desceram ao húmus do Lugar do Rojão, no cemitério de Santa Comba Dão do Vimieiro, os restos mortais daquele que fora em vida o exemplo fulgurante da luz e da verdade.*”.

Seu corpo foi conduzido à última morada pelo próprio filho ladeado pelos Ministros das Obras Públicas e Comércio, Indústria e Agricultura e pelo Dr. José António Marques.

Esteve em câmara ardente na Igreja do Vimieiro. Era fiel depositário da chave da urna o Dr. Mário Pais de Sousa. As Irmandades do Santíssimo Sacramento do Vimieiro e de Ova, bem como a Corporação dos Bombeiros Voluntários da vila, tomaram parte na abertura do préstito. Na capela do cemitério, seis sacerdotes rezaram a «Libera-me».

No momento em que faleceu estavam com ele, seu filho Salazar e o Director Clínico do Sanatório do Caramulo, Dr. Jerónimo de Lacerda.

## Mãe

Cerca de seis anos mais nova que o marido, doméstica, nascida na Vila de Santa Comba Dão, Maria do Resgate Salazar, casou-se a **14 de Maio de 1881** tendo portanto vivido na companhia de seu marido durante 45 anos. Veio a falecer a **17 de Novembro de 1926**, vítima de doença cardíaca.

## Avós

Os Avós Paternos

Casaram-se em Tábua a **26 de Novembro de 1836** de seus nomes, Manuel de Oliveira e Teresa Pais, nascidos respectivamente no Lugar do Rojão Grande ao Vimieiro e em Tábua. Ele mais velho oito anos que sua mulher.

Os Avós Maternos

José de Lemos Salazar, nascido em Santa Comba Dão em **14 de Março de 1807** e Felicidade Violante da Trindade, casados em Santa Comba Dão em **13 de Janeiro de 1841**.

## Irmãs

Tinha quatro irmãs pouco mais velhas.

A **Marta**, nascida em **1882**, ensinou Contas e Gramática às crianças do Vimieiro durante 43 anos.

A **Elisa**, nascida um ano depois em **1883**.

A **Leopoldina** nascida passados dois anos, em **1885**.

Ainda não havia passado um ano, nascia a quarta irmã: **Laura**.

Laura viria a casar com **Abel Pais de Sousa** de cujo casamento nasceram quatro filhos: **Abel Pais de Sousa** que ficou com o nome do pai. Viria a falecer, atropelado por um comboio, na estação de Mangualde.

**António Pais de Sousa**.

**Maria Carlota Salazar Pais de Sousa Antunes**.

**Marília de Oliveira Pais de Sousa**.

Do casamento de **Marília de Oliveira Pais de Sousa** com **António Augusto Mello** nasceram três filhos:

**Maria do Resgate Salazar de Lucena e Mello**, que viria a falecer ainda bebé.

**António Salazar de Mello**.

**Rui Salazar de Lucena e Mello**.

### **Padrinhos**

Em **16 de Maio de 1889**, o bacharel António Xavier Perestrello Corte-Real, colocou-o nos braços de sua filha D. Maria de Pinna Perestrello, para o levar envolto em alvo vestido acolchoado à Pia de Baptismo. Lá estava o bom Cura António Nunes de Sousa, Pároco da Igreja de Santa Cruz do Vimieiro, que o baptizou.

Foram procuradores do referido acto, Francisco Alves da Silva e Luíza da Piedade.

### **A Escola**

Quando atingiu a idade, entrou na Escola Oficial a dois quilómetros, na Vila de Santa Comba Dão, passando a fazer companhia às suas quatro irmãs no percurso para a escola.

D. Isabel – a Mestra Isabel – de regresso do ambiente solarengo do Barão de Santa Comba Dão ensinava labores a suas irmãs. Como Salazar não progredia nas aulas, o pai confiou-o às explicações do Sr. José Duarte, funcionário do Município, que dava explicações a cerca de 30 alunos. Custavam estas explicações seis vinténs por mês. Estávamos em 1896.

Pelas aulas, Salazar não se mostrava um grande entusiasta mas também não reclamava; a sua grande alegria era sempre o regresso a casa, para a companhia da mãe de quem era muito amigo e das irmãs com quem brincava.

Amava a Natureza.

Rapidamente, Salazar, foi estudar para a nova escola da sua aldeia, sendo seu professor o Sr. José Ribeiro, nascido em Matosinhos. Este Mestre-Escola teve que abandonar o ensino devido ao seu estado de saúde.

Por influência da mãe – que reconhecia nele capacidade para os estudos – seu pai mandou-o estudar para Viseu, entregando-o aos cuidados do Professor e Padre, Marques Pimentel, que o recebeu em sua casa e lhe prestava toda a assistência.

Em 11 de Agosto de 1899 Salazar apresentou-se em Viseu para realizar o exame de Instrução Primária completando assim o seu primeiro curso, o de 2º grau, com 10 anos de idade e com 14 valores de aproveitamento (não contente com o resultado da primeira prova, 10 valores, propôs-se a uma segunda prova na qual tirou 18 valores, sendo o aproveitamento final a média aritmética das duas notas: 14).

Voltou a trabalhar algum tempo no Vimieiro antes de entrar para o Seminário. Foi então que começou a aprender Francês.

### **1900**

Em Outubro, com 11 anos de idade, ingressou no Seminário de Viseu, antigo Convento dos Nerys, onde permaneceu oito anos.

Neste ano lectivo, **1900-1901**, concluiu a 1ª fase de Português e Latim com Distinção ao mesmo tempo que recebia aulas de Religião Católica e de Moral.

### **1901**

Neste ano lectivo, para além dos estudos inerentes, candidatou-se a congregado da Congregação Mariana tendo sido admitido com 8 valores, contando apenas com ano e meio de seminário e 12 anos de idade. O seu nome começava a destacar-se. Terminado o ano lectivo conseguiu a Aprovação com Distinção em Português 2ª fase, e Aprovação em Geografia, e em Latim 2ª fase.

### **1902**

Envergava já o traje de seminarista e no final deste período lectivo contava 14 anos; Ocorria a morte do Papa Leão XIII, e pela proximidade de ideias e área de estudo, travou conhecimento com um colega de nome Mário de Figueiredo. No final deste ano, foi Aprovado com Distinção em Francês e História e Aprovado em Latim.

### **1903**

Outro ano findo e mais uma Aprovação com Distinção em História e Aprovação a Matemática.

### **1904**

Este ano é marcante para Oliveira Salazar. Enamorou-se de uma professora primária, mais velha cerca de dois anos: a Felismina.

Nem por isso alterou a dedicação aos estudos, e terminou o ano com Aprovação em Literatura e Filosofia e Aprovação com Distinção a Álgebra, Introdução às Ciências, Arquitectura e Desenho.

### **1905**

Deu início ao curso de Teologia, ao qual se entregou totalmente.

Em **25 de Março de 1906**, discursou na cerimónia de inauguração do monumento comemorativo dos 50 anos da Imaculada Conceição, perante assistência onde se encontrava o Bispo de Viseu.

Terminado o primeiro ano, obteve a nota máxima atribuída, 12 valores, em Teologia Fundamental e História Eclesiástica. Em Cantochão obteve 14 valores. Nas disciplinas de Comportamento Religioso, Moral, Disciplinar e Civil estava entre os quatro ou cinco melhores.

## 1906

Inicia-se o segundo ano lectivo e continua a sua relação com Felismina de forma discreta. Estreita-se também a sua relação com Mário de Figueiredo e entre outros assuntos discutem política.

Ocorre ainda a eleição para nova Consulta da Congregação Mariana; são apresentados três nomes e é eleito para Presidente, António de Oliveira Salazar.

Termina o ano com 14 valores, a classificação máxima atribuída naquele ano.

## 1907

Como todos os anos acontecia, as férias eram passadas no Vimieiro e mais uma vez regressou Salazar a Viseu para o seu terceiro e último ano lectivo de Teologia. O seu nome ultrapassava já o âmbito do seminário contando entre os amigos, alunos do liceu.

Tornou-se visita do Colégio da Via Sacra.

Neste ano, em Dezembro, casou sua irmã Laura, com Abel Pais de Sousa, funcionário do caminho-de-ferro da Beira Alta.

Tinha da vida um perfeito entendimento e por isso dedicava-se intensamente ao trabalho e ao estudo. Arranjou uma das casas ao lado da casa onde nascera e lá passava os dias de Verão entre cada ano lectivo. “Chamavam à casa o «palácio do Vimieiro». A fachada era cor-de-rosa toda florida de rosas trepadeiras. As divisões pequenas, mobiladas humildemente; uma mesa Luís XV ao lado de uma arca de madeira encerada. O candeeiro de secretária era uma lanterna. Salazar escolheu um *cretone* vulgar para forrar as cadeiras e talhar os cortinados. Nas paredes cor de grão, uma gravura romântica acompanha um retrato de Dante e um quadro que representa uma visita a um convento de Beneditinas. A um canto, esconde-se uma pequena telefonía. Não há biblioteca, nem quase se vêem livros. Nem uma só fotografia. Era este o refúgio daquele a quem virão a chamar ditador “.

## 1908

Regressou a Viseu em Janeiro e foi durante este último ano lectivo de estudo de teologia que tomou contacto com toda a agitação que reinava em Viseu. Surgiam artigos atacando as Instituições, o Trono e a Religião.

Em **Fevereiro** eram assassinados no Terreiro do Paço, o Rei D. Carlos e seu filho o Príncipe D. Luís Filipe.

Não ficando indiferente a estes acontecimentos, começou a insurgir-se contra os republicanos em defesa da igreja argumentando que «*a religião não é incompatível com forma alguma de governo... está muito superior à política, paira noutras regiões mais altas, embora haja de informar e dirigir os actos da política... não se concebendo que alguém possa ser católico na Igreja e ateu junto à urna*».

Em **Abril** surgiu em *A Folha* um artigo assinado por Salazar, *Vergonhoso Contraste*, no qual criticava a indiferença dos católicos perante a gravidade do momento em relação à Igreja e à Nação, sucedendo-lhe outros artigos em defesa da Igreja, *Jesus, Ressurrexit, Mês de Maria* (a 3 de Maio). A 14 de Maio, *A Uma Rosa*, artigo este em forma de poesia em que enaltecia o culto pelas flores e o amor pela imagem da Mãe. A 4 de Junho *Conversando*, no qual apelava à fé dos estudantes. Por último assinava *A Mãe de Jesus* em 20 de Agosto, o qual constituía um hino de louvor à Virgem.

«A Uma Rosa»

*Rosa tão linda, pálida e triste,  
Rosa dos encantos, cheiras tão bem!  
Vejo que sofres; dize, que sentes?  
Tens saudades de tua mãe?*

*Pois ainda ontem tu vicejavas,  
Ao pé das rosas, tuas irmãs,  
Com quem vivias, embalsamando  
A branda aragem destas manhãs!...*

*Mas eu cortei-te; rosa, perdoa!  
Gostei de ti, mas ah! Fui cruel!  
Tens saudades, não tens? Da abelha  
Que ia, zumbindo, buscar o mel?*

*Tu já choravas lágrimas santas,  
Que a aurora punha no cálix teu,  
E eras alegre! Vê: quanto eu choro,  
Sou triste e é sem fim o sofrer meu!*

*Fechas as folhas na dor imensa  
Que te assoberba; causas-me dó!  
Pois, coitadinha, lá na roseira  
Tinhas amigas, não ´stavas só!*

*Rias com elas à luz do sol;  
Brincáveis todas co´ a brisa pura  
Que a madrugada manda a acordar-vos,  
Depois do sono da noite escura...*

*Tu namoravas uma avezinha  
Que p´ra o teu ramo vinha cantar;  
Tinhas um ´spelho nas claras águas,  
Em que te estavas sempre a mirar!*

*Agora, pobre! Vais definhando.  
O lindo vaso não te seduz?  
Rosa tão branca, rosa de encantos,  
O que te falta? Tens ar e luz...*

*Ah! Mas o prado tão verde e o canto,  
O canto triste do rouxinol?  
E a brisa fresca que se levanta,  
E vai beijar-vos, ao pôr do sol?*

*Tudo isso falta; mas que era isso,  
Ao pé da falta do maior bem?...*

*Rosa, confessa, 'stás triste e morres,  
Com saudades de tua mãe!...*

Chegado o momento, prestou provas e foi Aprovado com Distinção, com **16 valores**. Terminava assim o curso de Teologia.

Saía do Seminário com **19 anos**, instalando-se como Prefeito no Colégio da Via-Sacra em Viseu sob a orientação do Padre António Barreiros. Aí permaneceu durante 2 anos.

Foi por recomendação do então Director do seminário de Viseu, Dr. José Frutuoso da Costa ao Director do colégio da Via-Sacra padre Barreiros, que Salazar passou a exercer o duplo cargo de professor de Literatura, História e Matemática, e vigilante, desde Outubro deste ano até 1910.

Iniciava com toda a dedicação estas novas funções como Prefeito e Professor e nos tempos livres devorava a biblioteca do Cónego Barreiros, que lhe possibilitava a leitura dos clássicos portugueses. Entre todos admirava o Padre Manuel Bernardes. Entre os modernos preferia Alexandre Herculano. Dedicava-se à leitura de assuntos de Sociologia e Pedagogia. Estudava o *Compêndio de Sociologia* de Antoine e a *Psychologie de l'Éducation* de Gustave Le Bon.

Dava particular atenção à leitura das Encíclicas do Papa Leão XIII.

O colégio de Via-Sacra quer pelo conhecimento possibilitado e aprofundado quer pela meditação, foi período fundamental na formação e penhor futuro na vida de Salazar. Encontrou, sem dúvida, aqui, o sentido definitivo que havia de dar à vida portuguesa, num pensamento de Afonso Pena:

*Deus, Pátria e Família.*

Na sua missão de educador e formador dos jovens e num estímulo de civismo e de patriotismo, suscitava neles o respeito pelos símbolos da Pátria. Com este propósito compôs um *hino Á Bandeira*:

*Salvé, bandeira sagrada,  
Bandeira de Portugal!  
No cimo do monte agreste,  
No fundo do ameno val'.  
Ergue-te, bandeira santa,  
Bandeira de Portugal!*

*Salvé, symbolo sagrado  
Da Pátria que é nossa mãe  
A quem eu respeito e amo,  
Como não amo ninguém!  
Salvé, bandeira que lembras  
A Pátria que é minha mãe!*

*Feita do sol da glória,  
Bandeira do meu paiz,*

*Tens sulcado os mares longínquos  
Em tanto dia feliz,  
E ganho tanta batalha,  
Bandeira do meu paiz!*

*Oh! Bandeira azul e branca!  
Azul, como o bello ceu,  
Branca, cor dos brancos anjos...  
Que grande encanto é o teu!  
As cores da nossa bandeira  
Vieram ambas do Ceu!*

*Grava-te bem na minha alma,  
Bandeira minha querida!  
Que eu nunca em vida me esqueça  
De que à Pátria devo a vida,  
O sangue, a glória, tudo,  
Bandeira minha querida!*

*Salvé, bandeira formosa,  
Bandeira do meu paiz,  
Que por elle é minha vida,  
E que eu morria feliz,  
Se na morte me abraçasses,  
Bandeira do meu paiz!*

*Porque eu te amo no mundo,  
Como não amo ninguém,  
Salvé, bandeira que lembras  
A Pátria que é minha mãe!*

Sempre o patriotismo e a fé, bem patentes no *Hino do Colégio de Via-Sacra*, escrito também por Salazar:

*Deus dê sempre à nossa alma a virtude,  
Deus nos dê sempre a Fé e o Amor,  
Santa fonte em que vamos beber  
Para a Pátria grandeza e valor.*

*Nós queremos ser filhos  
Da Pátria sem rival,  
Queremos a grandeza  
Do nosso Portugal!*

## **1909**

No final deste ano lectivo requer como *aluno estranho* os exames oficiais da 1ª secção do Curso Geral do liceu, que conclui com Distinção e a Nota Final de 19 valores.

Provas Escritas: Português 19, Francês 16, Inglês 18, Matemática 20, Desenho 16.  
Exames Orais: Português 20, Francês 20, Inglês 20, Geografia e História 19, Ciências físicas e naturais 20, Matemática 20 e Desenho 20.

Por ocasião da comemoração de mais um aniversário da Restauração de 1640, realizada no liceu Alves Martins da cidade de Viseu sob a presidência do Dr. Barata Teles, vários alunos exaltaram o sentimento nacionalista, enquanto que Salazar proferiu uma brilhantíssima conferência sobre a Ciência Social, no decorrer da qual fez várias considerações a propósito dos processos de ensino e relações entre o mestre e o discípulo. Valeu-lhe o elogio do Dr. Barata Teles que exclamou: “Que pena, meus senhores, não haver uma lei em virtude da qual o Sr. Salazar pudesse ser nomeado professor por distinção deste liceu”.

### **1910**

Em Agosto, Salazar analisando os magnos problemas sociais que o regime não conseguia resolver e antevendo já uma mudança de processos de governo, proferia em Viseu uma notável conferência – “Educação da mocidade” – na qual dando largas ao seu pensamento declarava-se possuidor de um pensamento precoce, fadado para os mais altos desígnios. Defendia que “A Reforma” era a necessidade urgente, mas em primeiro lugar, antes de tudo, reformar o homem. Remodelar a inteligência da juventude, acabando de uma vez para sempre com os meninos prodígios que despejam, incessantemente, mas inconscientemente, o que aprenderam na escola.

Entretanto havia que preparar-se para os exames finais do Curso de Liceu: completava a 2ª secção do Curso Geral em **23 de Julho**.

Provas escritas: Português 15, tradução do Latim 14, composição do Francês 16, tradução do Inglês 17, Física 8, Álgebra 17 e Desenho 14.

Provas orais: Português 19, Latim 19, Francês 19, Inglês 19, Geografia e História 19, Ciências Físicas e Naturais 19, Matemática 19 e Desenho 19, saindo aprovado. Estabeleceu o júri a classificação final de 17 valores com distinção.

Uma semana depois a **30 de Julho** submetia-se a exame do Curso Complementar de letras.

Provas Escritas: Português 18, Latim 15 e Inglês 17.

Provas Orais: Português 19, Latim 18, Inglês 19, Geografia 15, História 15 e Filosofia 17.

Chegava o momento da decisão de tomar ordens maiores. Sempre fiel aos seus princípios, seria forçoso para servir na fé uma carreira eclesiástica? Por outro lado era notório o apelo do mundo exterior e talvez por isso nem mesmo o Cónego Pimentel, o Dr. José Frutuoso ou o Cónego Barreiros lhe aconselhavam tal decisão.

Decidiu-se então por continuar os estudos superiores e no ano seguinte daria entrada na Universidade em Coimbra para cursar Direito.

Ao chegar a Coimbra, em Outubro deste ano, Salazar deparou-se com duas correntes políticas que empolgavam os entusiasmos da Academia: a republicana triunfante e a monárquica que se encontrava enlutada. Mas, logo o partido republicano – que já estava em crise nos finais da monarquia – se dividiu em três facções: o partido evolucionista de



António José de Almeida, o partido unionista de Brito Camacho, o partido democrático de Afonso Costa.

Apoiavam Manuel de Arriaga para a presidência da República os dois primeiros, enquanto Bernardino Machado era apoiado pelos democráticos.

Em Coimbra teve o apoio da família dos Perestrelos, cuja madrinha Maria de Pinna Perestrello o levou a aceitar a ajuda, em troca de lições que daria aos pequenos Perestrelos. Tornou-se também frequentador da casa de Serras e Silva, professor de Medicina, e colaborador do Centro Académico de Democracia Cristã.

Começa desde cedo a tomar conhecimento da agitação política que se vivia na Academia e entre os vários grupos doutrinários que entretanto haviam surgido, organizam-se os católicos pela necessidade de combater o anticlericalismo da república, em torno do Centro Académico de Democracia Cristã. São nomes de destaque os *três irmãos Dinis da Fonseca, Álvaro, Alberto e Joaquim, Luís Teixeira Neves, Manuel Gonçalves Cerejeira, Diogo Pacheco de Amorim, Francisco Veloso, Sílvio Pélico de Oliveira, o padre Carneiro de Mesquita e outros.*

Tinha acesso à biblioteca da Universidade, como tivera antes às bibliotecas do Dr. José Frutuoso e do Cónego Barreiros, só que agora de forma mais abrangente; *lia os clássicos portugueses, o Padre Manuel Bernardes, Alexandre Herculano; mas percorria os modernos, admirava o estilo de Carlos Malheiro Dias, o lirismo simples de António Correia de Oliveira. E aplicava-se ao estudo de autores estrangeiros: Edmond Desmoulins, Gustave Le Bon. Mas absorvia-se na leitura de muitos outros. Eram os clássicos franceses, e entre todos Montesquieu; sentia-se atraído pelo velho Fénelon, em que via o moralista, o teólogo, o pedagogo, além do literado. E admirava Diderot e Madame de Staël. Apreciava Auguste Comte, sem embargo das barreiras ideológicas; e entusiasmava-se com Faguet, Taine, Michelet, Banville. E Charles Maurras, muito especialmente Charles Maurras. As Trois Idées politiques, o L'Avenir de l'Intelligence, eram obras de leitura repetida; a L'Enquête sur la Monarchie. E era leitor regular da Action Française. (...) Também abordava os sociólogos, os economistas. Os escritos de Latour du Pin suscitavam-lhe reflexão. E sobretudo os de Frédéric Le Play, que comparava com Desmoulins; daquele retinha princípios que se harmonizavam com os propostos por Leão XIII, no plano religioso, e com defendidos por Charles Maurras, no plano político e histórico (...). Ao mesmo tempo, e no plano militante, estudava as encíclicas de Pio X.*

## **1911**

O começo deste ano lectivo 1911-1912, iniciou-se com algum sobressalto, porque só por volta dos fins de Outubro – por motivo de doença – regressaria a Coimbra. Havia-se inscrito nas restantes cadeiras de Direito e matriculado na 10ª cadeira do 3º ano, *Ciências das Finanças e Direito Financeiro.*

Entretanto, reencontrou o ambiente agitado que caracterizava a vida política da Academia e é neste período que se torna amigo íntimo do então padre Gonçalves Cerejeira que como ele, se movia no círculo de amigos dos Serras e Silva, dos Perestrelos e dos irmãos Dinis da Fonseca.

No tocante à actividade política, tínhamos de um lado os republicanos e do outro os monárquicos e os católicos; tinham estes últimos em comum a tarefa de combater o anticatolicismo e o anticristianismo dos primeiros. Aqui tem papel de relevo o

contributo que António de Oliveira Salazar através dos artigos no *Imparcial*, empresta à causa, estendendo o estudo dos problemas à escala nacional.

Entretanto, em Junho, vai a Viseu para requerer o exame de Língua Alemã do qual sai aprovado com 15 valores e regressa a Coimbra para se *apresentar a exame nas quatro cadeiras em que se matriculara e nas quais alcançou um 17, um 18 e dois 19.*

*Em 15 de Agosto, reunia-se a congregação da Faculdade (...) e por unanimidade atribuíram a Salazar dois prémios, na 5ª e na 10ª cadeiras.*

Chegavam novamente as férias e o regresso ao Vimieiro.

## 1912

*Inscreveu-se Salazar para o ano lectivo de 1912-1913, nas três cadeiras do 3º ano, que ainda lhe faltavam, e em mais duas cadeiras do 4º ano (Direito Comercial e Organização Judiciária e Processo Ordinário). Do mesmo passo, matriculou-se na Faculdade de Letras, na cadeira de Língua e Literatura Inglesa.*

Simultaneamente prosseguiam as actividades políticas no *Imparcial*, cada vez mais a sua fama ganhava mais adeptos e era reconhecido como chefe. A actividade política era já exercida de forma intensa.

Chegado mais um final de ano havia que prestar provas. *Nas cinco cadeiras em que se matriculara obteve duas notas de 18 e três notas de 19.*

*Reunia-se a 15 de Agosto a congregação da Faculdade de Direito: e atribuiu a Salazar um prémio sem gradação na 8ª cadeira, um prémio na 11ª cadeira e um prémio accessit na 15ª cadeira. Mais tarde, em 21 de Outubro do mesmo ano de 1913, conferiu-lhe mais um prémio na 9ª cadeira. Entre mestres, colegas, e por toda a academia, dissiparam-se as dúvidas: estava-se perante um futuro lente.*

## 1913

De regresso a Coimbra, das férias sempre passadas no Vimieiro, matriculou-se nas duas cadeiras do 4º ano que faltavam e em todas as do 5º ano. E mais uma vez recomeçava a luta. Em Coimbra era já uma figura de respeito e movia-se entre os nomes mais significativos da sociedade. Surgia não apenas como estudante destacado, mas principalmente como defensor acérrimo da causa católica. Neste ano lectivo despertou para o sentimento e fazia-se frequentemente acompanhar por raparigas *de boa sociedade ou moças tricanas*. Chegou mesmo a publicar uma crónica sentimental «*Elas*», que lhe valeu o reparo do amigo padre Cerejeira alertando-o de que como dirigente católico não seria benéfico entregar-se *àqueles passatempos*.

Ainda este ano lectivo outros acontecimentos deram vida à actividade dos católicos: a Igreja de S. João de Medina passaria a ser parte do Museu Machado de Castro. A consequência desta decisão foi a revolta, encabeçada por Salazar, Cerejeira e José Nosolini. Entram em confronto republicanos e católicos, chegando a vias de facto o confronto físico.

Ocorre a morte do Papa Pio X sucedendo-lhe o Cardeal Della Chiesa, que assume o nome de Bento XV; reabre o Centro Académico de Democracia Cristã que havia sido mandado encerrar pelo Governo após uma troca de galhardetes entre Bernardino Machado e Cerejeira.

Mais um ano findo e os inevitáveis exames; 19 valores foi a classificação obtida nas duas cadeiras do 4º ano que lhe faltavam e em todas as do 5º ano. *Em 15 de Agosto de 1914, o Conselho da Faculdade de Direito reunia-se para atribuição de prémios, Oliveira Salazar obtém prémios de Administração Colonial, Processos Especiais,*

*Prática Extra-Judicial, e um primeiro prémio em Processo Penal. Depois foi-lhe atribuído mais um prémio em Direito Internacional. Em 4 de Novembro, o Conselho votava a classificação final do curso: Muito bom com distinção, e dezanove valores. Deste modo, em todo o curso, feito em quatro anos, Salazar apenas uma vez foi classificado com 16. Por duas vezes foi-lhe atribuído um 17, por cinco vezes a nota de 18 e por onze vezes a classificação de 19 (...). Estava formado. Oliveira Salazar completara vinte e cinco anos de idade no mês de Abril anterior.*

## **1914**

Este ano ficava marcado pelo início da Primeira Grande Guerra e a consequente divisão de ideias. As lutas internas em nada beneficiavam a unidade nacional e surgiam as tendências pró inglesas, pró francesas ou pró alemãs.

Entretanto discutia-se se Portugal deveria ou não entrar na guerra. A República estava dividida e a cegueira partidária hipotecava a independência nacional. Viria de Londres, a voz do bom senso, apelando à união dos monárquicos pelo apelo de D. Manuel II que se encontrava no exílio.

Decorrido o período de férias, pelo Outono, é o regresso a Coimbra.

Salazar vê dispersos grande parte dos seus amigos mais íntimos: Cerejeira trocara o curso de Direito pelo de Letras, Carneiro de Mesquita ordenado sacerdote abandonou Coimbra, José Nosolini após formatura estabeleceu-se no Porto como advogado, os irmãos Dinis da Fonseca assumiam cargos públicos e Alberto de Monsaraz dedicava-se à causa do Integralismo Lusitano.

Restavam Mário de Figueiredo e Mário Pais de Sousa que estavam a terminar os respectivos cursos. Entretanto adoecera e por sugestão de Cerejeira mudou-se para o Convento dos Grilos. Passa a coabitar com Cerejeira e no Convento dos Grilos inicia a sua preparação para professor.

Chegado mais um período de férias, e a habitual saída para o Vimieiro.

## **1915**

Havia por esta altura escassez de professores universitários e muitos deles acumulavam várias disciplinas. Agora com 27 anos de idade, mergulha intensamente nos estudos para acesso ao magistério e para sua subsistência continua a dar explicações a alunos do Liceu e mesmo da Universidade e era procurado para pareceres técnicos.

Sem nunca esquecer sua mãe, deslocava-se aos fins-de-semana ao Vimieiro e quando não ia sozinho fazia-se acompanhar pelo padre Cerejeira ou por Bissaia Barreto, este último, médico, que apesar de politicamente não pertencer à mesma facção, era seu amigo.

A vida política não pára e a situação do País está cada vez mais comprometida. Os governos sucedem-se, as desconfianças entre as instituições são crescentes, o tesouro estava arruinado, as críticas eram duras e à parte toda esta situação interna, havia ainda a questão da Guerra: em África tentava-se conviver com o problema Alemão; perante a Inglaterra era tal o estado de subserviência que já se lhe recorria para saber como lidar com os nossos territórios. *Era de revolução o ambiente político do país.*

Em Coimbra, a vida era levada de forma organizada. Manhãs de estudo ou a dar explicações, almoço com os coabitantes padre Cerejeira e o irmão deste, Dr. Júlio Cerejeira. Seguia-se a habitual saída para *dar lições particulares, ir até à biblioteca, às livrarias ou a casa dos Serras e Silva, dos Brito e Cunha, de José Alberto Reis ou de*

outros mestres. Regressava a casa ao fim da tarde para o jantar com os seus três amigos e raramente jantavam sós. Contavam normalmente com a companhia de outros amigos, sendo o mais assíduo Mário de Figueiredo. José Nosolini não deixava de ir jantar aos Grilos sempre que ia a Coimbra.

Outros convidados eram Fezas Vital, professor, Mendes dos Remédios, professor de literatura portuguesa; Manuel Rodrigues, Diogo Pacheco de Amorim, dirigente do Centro Académico de Democracia Cristã, o padre Carneiro de Mesquita quando de visita a Coimbra, Joaquim do Amaral e seu irmão João do Amaral, este último entregue à luta do Integralismo Lusitano. Nunes Mexia, José António Marques, os irmãos Dinis da Fonseca, sempre que na cidade, eram presença nos jantares dos Grilos. Após o jantar trocavam impressões sobre estudos e política. Salazar ouvia mais do que falava e rematava normalmente as conversas com a frase «Isto está pavoroso! Isto está pavoroso!». Cerca da meia-noite terminavam os convívios, com o padre Cerejeira rezava o terço e por volta da uma hora da manhã, deitava-se.

Era entretanto afixada em edital, pela Universidade, a data de 27 de Novembro de 1915 para concurso, e durante noventa dias para dois lugares de professor no 1º grupo (*História do Direito e Legislação Civil comparada*), de dois lugares no 2º grupo (*Ciências Económicas*), e de quatro lugares no 4º grupo (*Ciências Jurídicas*). Oliveira Salazar propunha-se concorrer aos lugares do 2º grupo, e para o efeito tinha de apresentar dentro do prazo, conjuntamente com o seu trabalho, um tema de sua dissertação, como título científico. Foi escolhida a «*Questão Cerealífera. O Trigo*».

Não descorava no entanto as lutas políticas protagonizadas pelos republicanos, monárquicos e católicos e apesar de estar mais afastado das lutas do *Imparcial* e do *Centro Académico de Democracia Cristã*, sempre lhes incutiu força.

## 1916

Concluído o seu estudo sobre a «*Questão Cerealífera. O Trigo*», apresentou em 12 de Março o requerimento na Universidade para ser admitido a concurso para assistente do 2º grupo (*Ciências Económicas*). Reuniu-se quatro dias depois o Conselho presidido pelo Dr. Luís da Costa e Almeida, que despachou como «*habilitado*».

Com a morte prematura do professor Marnoco e Sousa, lente desta cadeira, foi proposto a Salazar iniciar a regência da cadeira ao que este acedeu e assim iniciou imediatamente a docência. Tornou-se professor da Faculdade de Direito antes de prestar provas. Caso inédito, mas obviamente presente na consciência de todos que, as ditas, quando acontecessem, serviriam apenas para formalizar a situação.

## 1916 / 1917

Nesta mesma altura, António José de Almeida, Chefe do Governo, fazia os preparativos para a participação de Portugal na Guerra, os conflitos sociais eram crescentes e é imposta a *censura postal e à imprensa*. As manifestações promovidas pelo Governo a favor da Guerra não colhiam simpatizantes, senão no que dizia respeito à defesa de África.

O Chefe do Governo demite-se e é substituído por Afonso Costa que é partidário da nossa participação no conflito e que assume o governo em 25 de Abril de 1917. Sucedem-se greves, atentados, assaltos, estava instalado o caos. As manifestações eram reprimidas dando lugar a mortos e feridos. A perseguição à Igreja foi retomada, tendo sido desterrados alguns dos seus membros. A censura intensificou-se, enfim, era de

crise profunda o estado da Nação. Ao mesmo tempo, continuavam a seguir soldados portugueses para França e para África.

Fora deste deplorável panorama, continuava o Dr. Oliveira Salazar, imbuído da tarefa de ministrar as disciplinas a que se propusera, e, dele, retirou a Faculdade o aproveitamento intelectual que lhe era reconhecido. *A 10 de Maio de 1916 era convidado a participar como candidato provisório encarregado da regência de Economia Política e Finanças, nas sessões da congregação da escola.* Era escutado por todos com muita atenção e de outras escolas vinham alunos para o ouvir.

Agora, mais desafogado, ajudava a família, quer financeiramente quer na melhoria das condições: arrendou ao Estado parte da nova casa do Vimieiro para aí funcionar a escola primária de que sua irmã Marta era professora.

Faltava-lhe o segundo trabalho como dissertação, que queria apresentar antes do fim do ano para evitar interrupções nas funções de docente; escolhera o tema *«O ágio do ouro, sua natureza e suas causas»*.

Apesar de afastado da agitação política, não lhe passava despercebido o ambiente cultural que então se vivia, sujeitando-se a um ou outro desvio da sua vida regrada. Raras eram as idas ao teatro. Assistia a conferências e concertos; gostava de ouvir *Maria Celestina Costa Alemão, que «cantava divinamente» La Violette, de Scarlatti, e a Canção da Lavadeira, de Viana da Mota, e acontecia-lhe apreciar os Menanos «soluçando fados», acompanhados «pelo Girão»*.

Estava presente sempre que possível nas comemorações do Centro Académico de Democracia Cristã. Não dispensava a conversa de fim de dia após o jantar com o seu amigo padre Cerejeira a quem numa noite terá confidenciado: *«Sabes? Sinto que a minha vocação é a de ser Primeiro-Ministro de um rei absoluto»*. Também não esquecia o Vimieiro e para lá ia fins-de-semana e férias, continuando os melhoramentos na propriedade da família e a participação na vida social da aldeia.

## **1917**

Recebido o parecer favorável de Carneiro Pacheco reuniu-se o Conselho da Faculdade para aprovação do trabalho *«Questão Cerealífera. O Trigo»*.

Entretanto, apresenta o segundo trabalho *«O Ágio do Ouro, sua natureza e suas causas (1891-1915)»*; *é aprovado e é-lhe atribuída, a classificação de «bom» na prova escrita, por unanimidade; e na votação de conjunto ficou aprovado. Por decreto de 31 de Março era nomeado assistente efectivo.* Agora, sim, estava percorrido todo o caminho até à Cátedra e é encarregado das cadeiras de Economia e de Finanças.

Verificava-se uma melhoria também, a nível financeiro; era procurado para tirar dúvidas, formular pareceres e sempre com o rigor que lhe era característico fazia a suas economias, aplicando-as. Aos amigos mais íntimos socorria, emprestando-lhes dinheiro e à família prestava um auxílio cada vez mais significativo. Aproveitava para adquirir livros de diversos autores nacionais e estrangeiros.

## **1918**

O novo governo de Sidónio Pais trás novo discurso e o Centro Académico de Democracia Cristã promove um encontro onde junta os antigos sócios. São oradores *José Lencastre, Carneiro de Mesquita e Salazar.* Estava no entanto, no fim, a intervenção activa destes e outros fundadores do Centro; a vida encarregar-se-ia de os dispersar ou a doença de os afastar.

Salazar prosseguia no sentido da confiança que havia feito a Cerejeira. Fiel a si próprio, mantinha-se irreduzível quanto aos estudos e prestava provas para o magistério superior: a 10 de Maio recebia o título de Doutor, *Doutor em Direito*.

Recuperava Salazar de uma crise sentimental, de um amor impossível, denunciado pela mãe da sua amada: era a *Julinha*, filha de sua madrinha de baptismo Maria Perestrello, o alvo do seu amor.

Mas, Salazar, com vinte e nove anos de idade gozava naturalmente da amizade de outras raparigas: *a Maria Luísa Sobral, a Alda Pais, a Palmira, a Alice, a Maria Helena e especialmente a Glória Castanheira pianista amadora*.

O Teatro também o atraía e neste ano *Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro vão a Coimbra (...)* e *Salazar não deixa de assistir às representações*.

Funda pela Primavera, na freguesia de S. Joanino, concelho de Santa Comba, um centro católico. Chega o fim do ano, e a saída para o Vimieiro onde passa o Natal e os Reis, para logo em seguida, novo regresso a Coimbra.

Realizadas as eleições e confirmada a eleição de Sidónio Pais é formado governo com inclusão de elementos católicos, monárquicos e membros do Centro Académico de Democracia Cristã. Mas, continuava o ambiente de crise, de indisciplina, de revoltas militares, de mortes, de greves: enfim, o caos. Sidónio Pais tentava a aprovação do direito presidencial de dissolução do Parlamento sem conseguir. A 14 de Dezembro, Sidónio Pais é assassinado na estação do Rossio quando embarcava para o Porto. Entretanto, em Novembro termina a Guerra na Europa.

Em 23 de Dezembro, João Tamagnini Barbosa constitui novo governo, para o remodelar passados 15 dias, a 7 de Janeiro de 1919.

## 1919

A desordem continuava e a Nação estava em ambiente de quase guerra civil. A 19 de Janeiro era proclamada a restauração da monarquia, no Porto, que após alguns avanços foi travada sob o comando do coronel Vieira da Rocha a 24 de Janeiro. O governo fragilizado vê-se obrigado a abdicar e é escolhido José Relvas que assume a chefia do governo a 28 de Janeiro para passados dois meses cair. É substituído por Domingos Pereira a 30 de Março. Demite-se o Almirante Canto e Castro da Presidência da República, substituído por António José de Almeida e no campo constitucional passa o Presidente da República a poder dissolver a Câmara Legislativa «*quando assim o exigissem os superiores interesses da Pátria e da República*».

Continuam os graves problemas sociais ao mesmo tempo que em Paris decorriam as negociações para a paz e é-nos *devolvida a povoação de Kionga, ao norte de Moçambique, que os alemães nos haviam tomado*. Faziam parte da rotina portuguesa as greves, os assassinatos, a desordem; estava instalada a anarquia total. Os governos sucediam-se.

Em Março de 1919, na sequência de uma sindicância a quatro professores da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Salazar fica impossibilitado de dar aulas juntamente com Carneiro Pacheco, Fezas Vital e Magalhães Colaço, acusados de propaganda monárquica no exercício das suas funções. Como nada tivesse sido apurado foram reconduzidos nas suas funções.

Entretanto Salazar publica a sua defesa sob o título “A Minha Resposta”, tal como os restantes acusados, mas em documentos separados. Formula a sua defesa e conclui: «*Tenho dado à Faculdade de Direito de Coimbra toda a minha inteligência, todo o meu*

*trabalho, todo o meu entusiasmo pela educação de uma tão bela parte da mocidade portuguesa. Fui suspenso. Fez-se este inquérito agora. Ninguém atacou a minha honra pessoal, a minha competência profissional, a imparcialidade e rectidão dos meus julgamentos, a correcção do meu procedimento como funcionário. Hei-de orgulhar-me sempre destes meus curtos anos de professor: estou satisfeito. Não sei o que virá depois do inquérito. Eu cá... não quero outra portaria de louvor.»* A 19 de Abril terminou a sindicância e posteriormente foram reintegrados os professores.

Chegavam mais uma vez as férias, com o regresso ao Vimieiro e as habituais preocupações com a saúde de sua mãe bem como de sua irmã Elisa. Continuavam os melhoramentos na propriedade e Salazar aproveitava para fazer uma viagem pelo norte.

Ao retomar as aulas, o ambiente académico estava de novo calmo e o ano lectivo prosseguia, repartido entre questões do sentimento, sem desenlace previsível, as aulas e a cada vez mais crescente militância católica no contexto da política que se fazia pelo país.

## **1920**

O Governo de Domingos Pereira, iniciado a 21 de Janeiro, procura um maior equilíbrio social, político e financeiro, contrariado pelas continuadas convulsões que já caracterizavam o dia-a-dia: greves, bombas, mal-estar nas forças militares e a bancarrota. Abre-se nova crise em Março, e, novo governo; novo esforço para controlar a desordem a todos os níveis, mais greves, bombas e atentados, reforço das penas, aumento dos preços dos bens essenciais. Desta vez, a crise é agravada pela morte prematura, do coronel António Maria Baptista, actual Chefe do Governo, após uma congestão cerebral em pleno conselho de ministros.

Em Junho, novo governo é indigitado mas, pela fragilidade dos apoios, demite-se passados quinze dias.

Sucedem-se outro governo a 19 de Julho, e por Novembro, outro governo, que cai passada uma semana na sequência de uma moção de confiança; a crise é geral, as instituições eram ultrapassadas não se conhecendo todos os opositores.

Da guerra de 1914 – 1918 resultavam consequências negativas de ordem ideológica e ordem pública. A desorientação estava instalada.

A 30 de Novembro é empossado novo governo que dura cerca de dois meses.

## **1921**

A crise continua, surge novo governo com Bernardino Machado, em Fevereiro, que se demite em Maio. Seguem-se os governos de Barros Queirós e António Granjo, com o mesmo clima de revolução constante e conspirações. Este último é assassinado na noite de 19 para 20 de Outubro, entre muitos outros. O País é o espelho do que grassa pela Europa.

Para Oliveira Salazar o tempo era de ascensão académica e social. Construía uma imagem, demarcara-se da politiquice partidária. Sem nunca trair as suas convicções ideológicas, de católico, corria o seu nome como exemplar defensor do catolicismo e por ocasião do 1º Congresso do Centro Católico, em Abril, via-se impotente para contrariar o que já haviam decidido por ele: era candidato à força por Guimarães e no dia 25 de Julho, na primeira reunião do parlamento lá estava. Foi deputado por um dia.

Retirou-se para férias e de Santa Comba Dão mantinha contacto com a sua sempre amiga Glória Castanheira a quem lamentava o seu estado débil de saúde. Em Agosto aceita o convite do Dr. José Alberto dos Reis para uma viagem de cinco dias pelo Minho em regime de férias; O seu estado de saúde não evoluía favoravelmente e por volta de Setembro ainda se queixava das fortes dores da cabeça que o condicionavam. No regresso a Coimbra dá especial atenção aos problemas da Santa Casa da Misericórdia promovendo festas de caridade para angariar fundos.

## 1922

A vida da Nação seguia de governo em governo, e a Igreja, embora fora da acção política activa, ia, ainda assim, promovendo a cristianização da vida nacional. Para o efeito, organizou em Lisboa, nos dias 29 e 30 do mês de Abril, o Segundo Congresso do Centro Católico, tendo como orador o Dr. Oliveira Salazar, e como tema «Centro Católico Português – Princípios e Organização», que serviu para *lançar as bases* das quais *partisse a acção política dos católicos*.

A par com a administração da Santa Casa, surgia a doença de Guilherme Moreira; Salazar teve que acumular as cadeiras de *Economia Política* e de *Finanças* e os cursos semestrais de *Economia Social e de Estatística*. Manteve a colaboração com várias publicações e acede ao convite para participar no corpo redactorial da *Revista de Legislação e Jurisprudência* a partir de 13 de Maio.

Chegado o Verão, rumo ao Vimieiro. Parte do tempo passa-o entre os cuidados que dedica a sua mãe, às cartas que escreve aos amigos mais chegados e às visitas que recebe de outros: Cerejeira, Bissaia Barreto, os Pais de Sousa.

Dá especial atenção à correspondência com as suas admiradoras, para além da *Alda, da Palmira e da Alice, juntam-se a Ernestina Afonso, com quem tivera um derriço na praia da Figueira; a Conceição, a Maria Laura e as filhas das famílias tradicionais de Coimbra e da Beira-Alta*.

Em 17 de Agosto deslocou-se até à Figueira com a mãe e irmãs, para regressar a 26 devido à doença da mãe. Dedicou o resto do Verão às obras na propriedade e a acompanhar a doença da mãe e de sua irmã Elisa que o detém até mais tarde, ainda que, com algumas deslocações rápidas entre o Vimieiro e Coimbra.

Regressou a Coimbra para novo ano, por volta de Março de 1923.

## 1923

Era Março, e novamente o contacto com a Universidade, as discussões entre amigos sobre a vida política, mas de forma menos efusiva, e várias deslocações ao Vimieiro; preocupava-o sobremaneira a saúde de sua mãe.

Chegam as férias e imediatamente segue para a sua aldeia onde se mantém até Outubro, para o inevitável regresso a Coimbra para mais um ano de trabalho. Desta feita, alheado de alguma forma da vida política, não deixara, totalmente, de colaborar com a actividade católica.

## 1924

Em 4 de Julho deslocou-se a Braga para participar no *Congresso Eucarístico Nacional*, onde discursou sobre «*A Paz de Cristo na classe operária pela Santíssima Eucaristia*». Participava desta forma, na vida política através das intervenções de cariz católico. Nas férias deste ano incluía algumas deslocações por terras portuguesas e intensificava os melhoramentos nas casas e propriedade do Vimieiro.



Outubro e Coimbra é novamente o seu destino, com o início das aulas, as conversas nos Grilos e a incitação por parte dos amigos mais próximos a uma intervenção activa na vida política, sugerindo-lhe que se candidatasse por Viana do Castelo.

A dez de Novembro decide viajar até Espanha: dois dias em Ávila, um dia no Escorial, quatro dias em Madrid, um dia em Toledo, volta a Ávila por um dia e o regresso a Portugal por Salamanca onde se reteve por dois dias.

Mais um ano findo e a romaria ao Vimieiro; sempre absorvido com a doença de sua mãe, Maria do Resgate, que via a vida fugir-lhe.

## 1925

O início deste ano marcava a intervenção definitiva nos domínios da política. A actividade do Centro Católico, em presença da desordem geral, discretamente, alargava o âmbito da sua intervenção doutrinária e invadia a esfera política. No Funchal, realizavam-se sessões de doutrinação político-religiosa e era apontado o nome de Oliveira Salazar que aceitava proferir duas conferências, sob os temas: «*Laicismo e Liberdade*» e «*O Bolchevismo e a Congregação*». Saía de Lisboa com Mário de Figueiredo a 31 de Março para chegar ao Funchal dois dias depois; aproveitou para conhecer a Ilha e fazer contactos e as conferências eram proferidas a quatro e a seis de Abril respectivamente. O regresso a Lisboa ocorreu a 16 de Abril.

No País, chegava-se ao limite e esgotavam-se todas as soluções de governo; falava-se de revolta militar; no dia 18 de Abril essa revolta tornou-se realidade e as tropas revoltosas instalaram-se na Rotunda. Presidente da República e Governo instalaram-se no Quartel do Carmo; é porta vós do movimento, Sinel de Cordes que é encerrado nas águas-furtadas, ficando a dúvida se para ser protegido ou como prisioneiro. Tudo terminaria na manhã dia seguinte com a rendição dos sublevados; a 19 de Julho novo levantamento encabeçado pelo capitão Jaime Baptista e pelo comandante Mendes Cabeçadas. Tal como no anterior, os revoltosos foram dominados. Entretanto os governos sucediam-se!

De 14 a 19 de Junho, realizava-se em Coimbra o décimo *Congresso da Associação Espanhola para o Progresso da Ciências*, sob o tema «*Aconfessionalismo do Estado*»; Salazar proferia o discurso inaugural.

Era definitiva a projecção e o reconhecimento do Dr. António de Oliveira Salazar como doutrinador. Numa sociedade antagónica, de incertezas, de anarquia, de revoluções, de quebra das liberdades, em estado de guerra permanente, afirmava-se cada vez mais como homem de certezas e convicções cujas ideias reflectiam o pensamento lúcido e o sentimento da Nação.

Demitia-se, entretanto o Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes, em Dezembro, após quinze anos de mandato. O Governo tentava desesperadamente conter as finanças ao mesmo tempo que o clima geral nem ao destino era previsível. O estado de espírito nacional era de desespero; em tudo, o aspecto era o de dissolução da nação.

Os problemas da nação apresentavam-se para Oliveira Salazar, não como uma sucessão de factos a acompanhar, mas, com a preocupação de quem tinha o dever de a eles emprestar o seu saber.

Acompanhava como sempre a vida no Vimieiro: intensificava os melhoramentos na propriedade e nas casas, dava a habitual, especial, atenção a sua mãe e mantinha a correspondência com os amigos.

Era de efectiva degradação o ambiente no país. As Instituições estavam feridas de morte, a Câmara era palco de cenas vergonhosas que iam até ao insulto e ao pugilato, a censura era exercida ferozmente, os magistrados mortos a tiro, era a falência da dignidade, da moral, da sociedade. O Exército pela voz do General Gomes da Costa dava conta ao Ministro da Guerra do estado de indisciplina e de rotura que, a todos os níveis, grassava entre os militares.

## 1926

Decorria o tempo e o prenúncio era de fim. Um final do qual ninguém arriscava o desfecho. *Cunha Leal, num discurso profético pronunciado no Bom Jesus de Braga, a 26 de Abril, dizia simbolicamente: «oiço o tinir das espadas e o tilintar das esporas».*

No seio do Exército organizavam-se *Juntas Militares Revolucionária*. Estava encontrado o chefe, estabelecia-se o plano e pelas seis horas da manhã do dia 28 de Maio pela madrugada, dava-se a partir de Braga um levantamento militar liderado pelo General Gomes da Costa, que resultou num golpe de estado de características ideológicas pouco definidas, instaurando em Portugal uma ditadura.

A revolta de **28 de Maio de 1926** pôs fim à primeira república portuguesa: dissolveu as instituições políticas democráticas, extinguiu os partidos políticos e instaurou uma ditadura militar.

Na necessidade de constituir governo foram sugeridos três nomes não militares: Mendes dos Remédios, Manuel Rodrigues e Oliveira Salazar, que chegavam a Lisboa no dia 4 de Junho com destino à Amadora.

Resistindo à pressão para aceitar a nomeação, escudando-se no seu estado frágil de saúde, Salazar, partia no dia seguinte para Coimbra. Estava aberto o problema da pasta das Finanças, até porque Salazar havia já sido nomeado no dia três, sem ter tomado posse. Mendes dos Remédios em 10 de Junho, deslocou-se a Coimbra, com o propósito de tentar demover Salazar. Este, no dia 12 volta a Lisboa e tomou posse da pasta das Finanças, para passados 5 dias regressar novamente a Coimbra; estava a sua decisão na base do desentendimento entre Gomes da Costa e Mendes Cabeçadas, que acabou com a destituição deste pela tomada do poder pela força do primeiro.

Entendera pois Salazar que, não estando o problema militar ainda resolvido, não era o momento de atacar as Finanças. Prestava, agora, maior atenção aos desenvolvimentos políticos e aceita uma comissão que o obrigava a frequentes deslocações a Lisboa, ao Ministério das Finanças.

Entretanto, o governo que havia sido entregue a Carmona, continuava com o problema das finanças e para tentar resolvê-lo, tentaram-se duas soluções:

- A negociação de um avultado empréstimo, sob a responsabilidade do responsável da Fazenda, Sinel de Cordes,
- *O estabelecimento de uma comissão para «elaborar as bases para a revisão e remodelação das contribuições e impostos do Estado, com excepção das aduaneiras».*

Esta comissão foi nomeada em despacho de **24 de Julho**, e a sua presidência era atribuída a Oliveira Salazar. Foi esta comissão que deu cumprimento ao prometido em 1916 pelo Dr. Afonso Costa, que se comprometia liquidar à Inglaterra a dívida de guerra, dois anos depois de terminada. Esse compromisso em 1926 ainda não tivera cumprimento.

Para dar cumprimento à sua incumbência, Salazar, iniciou os primeiros contactos em Julho e Agosto, mas aproveitou o Verão para ir até ao Vimieiro continuar as obras de melhoramento na propriedade e apoiar sua mãe que não apresentava melhoras.

Pelo país a situação não era pacífica mas o Governo de Carmona lá ia subjungando as tentativas de golpe-de-estado.

Em Outubro, decididamente, Salazar aplicou-se, retomando os contactos que lhe conferiam conhecimentos adicionais nos meios político e militar.

Entretanto o inevitável aconteceu: a **17 de Novembro** morria Maria do Resgate.

No final do ano, os responsáveis dos partidos políticos agravavam a situação do país, entregando nas representações diplomáticas acreditadas em Lisboa, um documento a desresponsabilizar a Câmara Legislativa, pelo cumprimento de qualquer empréstimo contraído, logo que assumissem os destinos da nação.

## 1927

Na continuidade deste episódio, tornava-se mais difícil sustentar a ordem pública e militar e nos dias **3 e 7 de Fevereiro** surgiam novos levantamentos militares, no Porto e em Lisboa respectivamente e novamente o Governo anula as intenções dos revoltosos.

Durante estes acontecimentos, Salazar estava mais dedicado aos seus afazeres em Coimbra, dando total atenção aos assuntos da Comissão. Encarava os problemas financeiros do país como prioridade; publicou alguns estudos sobre a matéria.

E, no dia **30 de Junho** entregava ao Governo o relatório elaborado por ele em nome da Comissão, bem como dez projectos de decretos com vista à reforma de algumas contribuições e impostos. Ao entregar a documentação a Sinel de Cordes, pediu para que fosse publicado em Diário do Governo todo o estudo e as iniciativas que preconizava, para serem comentados pelos especialistas. Não conseguiu o seu intento; Sinel de Cordes recusou a publicação.

Em **Julho**, em entrevista ao Diário de Notícias, Salazar, fala sobre o tema Tributação, obtendo enorme elogio. Por altura de **Agosto**, desiludido, decide fazer férias e vai até França e à Bélgica com os seus amigos, padre Cerejeira e o professor Beleza dos Santos. *Em Liège participa activamente num Congresso da Juventude Católica Belga.* O seu regresso a Santa Comba Dão estava previsto para Setembro.

Pelo país toda a actividade decorria sobre o pretenso empréstimo que chegou a ser dado como possível, mas ao ter sido este recusado em Inglaterra, Sinel de Cordes decidia dirigir-se à Sociedade das Nações, que exigiam em caso de incumprimento, o controlo externo da administração financeira do Estado.

Salazar ia acompanhando de perto a gestão das finanças e decidiu publicar a **30 de Novembro**, nas «Novidades» um editorial em que analisava, de forma global, a conta do Estado relativa ao ano financeiro de Julho de 1926 a Junho de 1927 (...); em 1 de **Dezembro** publicava novo artigo a que se seguiram uma série de outros em 4, 6, 10, 17 e 21 daquele mês. Neste artigos é criticada a acção governativa de Sinel de Cordes pela falta de uma política de fomento.

## 1928

A **3 de Janeiro**, Salazar publicava nas *Novidades* um artigo sobre «*O empréstimo externo*», onde demonstrava a inutilidade do empréstimo. O nome de Salazar saltava para a primeira linha da política portuguesa, ao tocar matéria tão complexa e com total clareza na apreciação da situação.

Entretanto Sinel de Cordes adoecia e era substituído por Ivens Ferraz que teria de manter as negociações com a Sociedade das Nações. Confrontado com as mesmas exigências, «*a fiscalização das finanças portuguesas*», Ivens Ferraz recusava o empréstimo e regressava a Lisboa.

Salazar mantinha-se crítico da actuação do governo e publicava mais um artigo nas *Novidades* sobre «*Equilíbrio orçamental e estabilização monetária*», para passados alguns dias, no **dia 25** publicar novo artigo «*Ainda o equilíbrio e a estabilização*», e outros dois artigos a **10 e 14 de Fevereiro** sob o tema «*Deficit ou superavit*». Dez dias mais tarde e novo artigo «*Consignação de receitas*». Intercalava esta sucessão de críticas com a reforma da Caixa Geral de Depósitos de que fora encarregado, para em 4, 11 e 13 de Abril publicar três artigos sob o tema «*Medidas de Finanças*».

Como reconhecido perito na matéria, cada vez mais o seu nome era apontado para assumir a pasta das Finanças. Mantinha a recusa.

Na prossecução da organização política, social e administrativa, houve que criar condições que atribuíssem ao Presidente da República e ao Chefe do Governo responsabilidades independentes, e para o efeito é promulgada legislação que separava os dois poderes: o General Carmona era eleito Presidente da República a **15 de Abril**, e a chefia do Governo era ocupada a **18**, pelo coronel José Vicente de Freitas.

Ficava a pasta da Finanças em aberto, eternamente o mesmo problema, pois sendo indubitavelmente verdade que o futuro do país dependeria da política financeira assumida, seria igualmente verdade e não menos importante, que estaria em causa o cariz, o conhecimento, a inteligência e o reconhecimento intelectual da personalidade escolhida.

José Vicente de Freitas enviava Duarte Pacheco, o então ministro da Instrução, a Coimbra, o qual conseguiu que Salazar ficasse de dar resposta definitiva posteriormente.

Salazar, coagido a aceitar o cargo, pelos amigos Cerejeira, Mário de Figueiredo e Bissaia Barreto, regressava aos Grilos ainda sem decisão aproveitando para falar com o padre Mateo – enviado do Papa Pio XI, para auscultar nos diversos países por onde passasse, sobre a situação da Igreja nesses países e sobre personalidades que pudessem servir a causa –, que o aconselha a aceitar. O próprio Cerejeira lembrava a Salazar o que sua mãe lhe dissera no momento do primeiro convite «*Aceita, meu filho. Se te chamam, é porque precisam de ti*».

A decisão foi tomada. Salazar deslocou-se a Lisboa, a **26 de Abril** reunia com Vicente de Freitas e a **27** tornava-se do conhecimento geral a sua nomeação. Na tomada de posse dirigindo-se ao Presidente do Conselho proferiu o seguinte discurso:

*«Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> o convite que me fez para sobraçar a pasta das Finanças, firmado no voto unânime do Conselho de Ministros, e as palavras amáveis que me dirigiu. Não tem que agradecer-me ter aceitado o encargo, porque representa para mim tão grande sacrifício que por favor ou amabilidade o não faria a ninguém. Faço-o ao meu país como dever de consciência, friamente, serenamente cumprido.*

*Não tomaria, apesar de tudo, sobre mim esta pesada tarefa, se não tivesse a certeza de que ao menos poderia ser útil a minha acção, e de que estavam asseguradas as condições dum trabalho eficiente. V. Ex.<sup>a</sup> dá aqui testemunho de que o Conselho de Ministros teve perfeita unanimidade de vistas a este respeito e assentou numa forma de íntima colaboração com o Ministério das Finanças, sacrificando mesmo nalguns casos outros problemas à resolução do problema financeiro, dominante no actual momento».*

Assim sendo, condicionou a sua entrada no Ministério das Finanças pela imposição de condições pelas quais não subordinaria os seus desígnios assentes em maiorias.

Esse método de trabalho reduziu-se aos quatro pontos seguintes:

- a) *Que cada Ministério se compromete a limitar e a organizar os seus serviços dentro da verba global que lhes seja atribuída pelo Ministério das Finanças;*
- b) *Que as medidas tomadas pelos vários Ministérios, com repercussão directa nas receitas ou despesas do Estado, serão previamente discutidas e ajustadas com o Ministério das Finanças;*
- c) *Que o Ministério das Finanças pode opor o seu veto a todos os aumentos de despesa corrente ou ordinária, e às despesas de fomento para que se não realizem as operações de crédito indispensáveis;*
- d) *Que o Ministério das Finanças se compromete a colaborar com os diferentes ministérios nas medidas relativas a reduções de despesas ou arrecadação de receitas, para que se possam organizar, tanto quanto possível, segundo critérios uniformes.*

Postas as condições, acrescentou no momento da tomada de posse:

*«Estes princípios rígidos, que vão orientar o trabalho comum, mostram a vontade decidida de regularizar por uma vez a nossa vida financeira e com ela a vida económica nacional.*

*Debalde, porém, se esperaria que milagrosamente, por efeito de varinha mágica, mudassem as circunstâncias da vida portuguesa. Pouco mesmo se conseguiria se o País não estivesse disposto a todos os sacrifícios necessários e a acompanhar-me com confiança na minha inteligência e na minha honestidade -confiança absoluta mas serena, calma, sem entusiasmos exagerados nem desânimos depressivos. Eu o elucidarei sobre o caminho que penso trilhar, sobre os motivos e a significação de tudo que não seja claro de si próprio; ele terá sempre ao seu dispor todos os elementos necessários ao juízo da situação. Sei muito bem o que quero e para onde vou, mas não se me exija que chegue ao fim em poucos meses. No mais, que o País estude, represente, reclame, discuta, mas que obedeça quando se chegar à altura de mandar».*

Aos católicos enviou através do *Novidades* o sentido do seu desejo no que tocava a expectativas desmedidas:

*«Diga aos católicos que o meu sacrifício me dá o direito de esperar deles que sejam de entre todos os portugueses os primeiros a fazer os sacrifícios que eu lhes peço e os últimos a pedir os favores que eu lhes não posso fazer».*

Salazar iniciava a **28 de Abril de 1928** com trinta e nove anos de idade uma longa caminhada ao serviço da Pátria, e para o resto da sua vida.

***Continua ...***